

# Amazônia à beira da morte

EDILSON MARTINS  
 Especial para o JB

■ Às portas do terceiro milênio, a Amazônia ainda não se livrou de seus predadores e, em toda a sua história, nunca esteve tão ameaçada. A derrubada de madeiras nobres, que têm no mogno a estrela principal, substituiu o ciclo da mineração manual do ouro, com os garimpos cada vez mais decadentes. O ciclo do mogno, acreditam os especialistas, vive seus últimos momentos no Sul do Pará, dada a rapidez da devastação, e já se desloca para o Acre, a última fronteira dessa nova frente econômica predadora. Um novo ciclo — o da madeira — se instala na Amazônia com data marcada para acabar.

Fotos de Michal Cipra

## Danos sobre o maior banco genético da Terra são permanentes

O cientista Philip M. Fearnside, PhD em Ecologia de Agroecossistemas, e um dos maiores especialistas em Amazônia, vem há muitos anos insistindo e denunciando que o modelo de ocupação é predador e de consequências desastrosas: "O mais grave é que estamos diante do maior banco genético do que sobrou no planeta Terra e os danos em sua totalidade são praticamente irreversíveis".

A decadência dos garimpos na região é visível. Em Rondônia, o ouro praticamente acabou e a herança desse ciclo no estado é desastrosa: o Rio Madeira contaminado de mercúrio e lavas de párias sociais se deslocando de ponta a ponta em seu vale, no sonho vão de bamburrar; No Pará, Serra Pelada não comporta mais mão-de-obra de garimpeiros: o ouro ainda existente exige tecnologia sofisticada; o Rio Tapajós, de águas claras e apontado como um dos mais belos do mundo, é um exemplo mais dramático do que o próprio Madeira.

Restam ainda, em termos de garimpo de ouro, a Serra da Neblina, no território dos índios ianomâmis, e a região de Tabatinga, na fronteira do Amazonas com a Colômbia. Na Serra da Neblina continuam as incursões de garimpeiros, mas a área é delicadíssima e o mundo inteiro acompanha essas invasões. Em Tabatinga, a questão não é menos grave, bastando lembrar que foi nessa fronteira que o narcotráfico colombiano, associado à esquerda armada, fuzilou militares brasileiros.

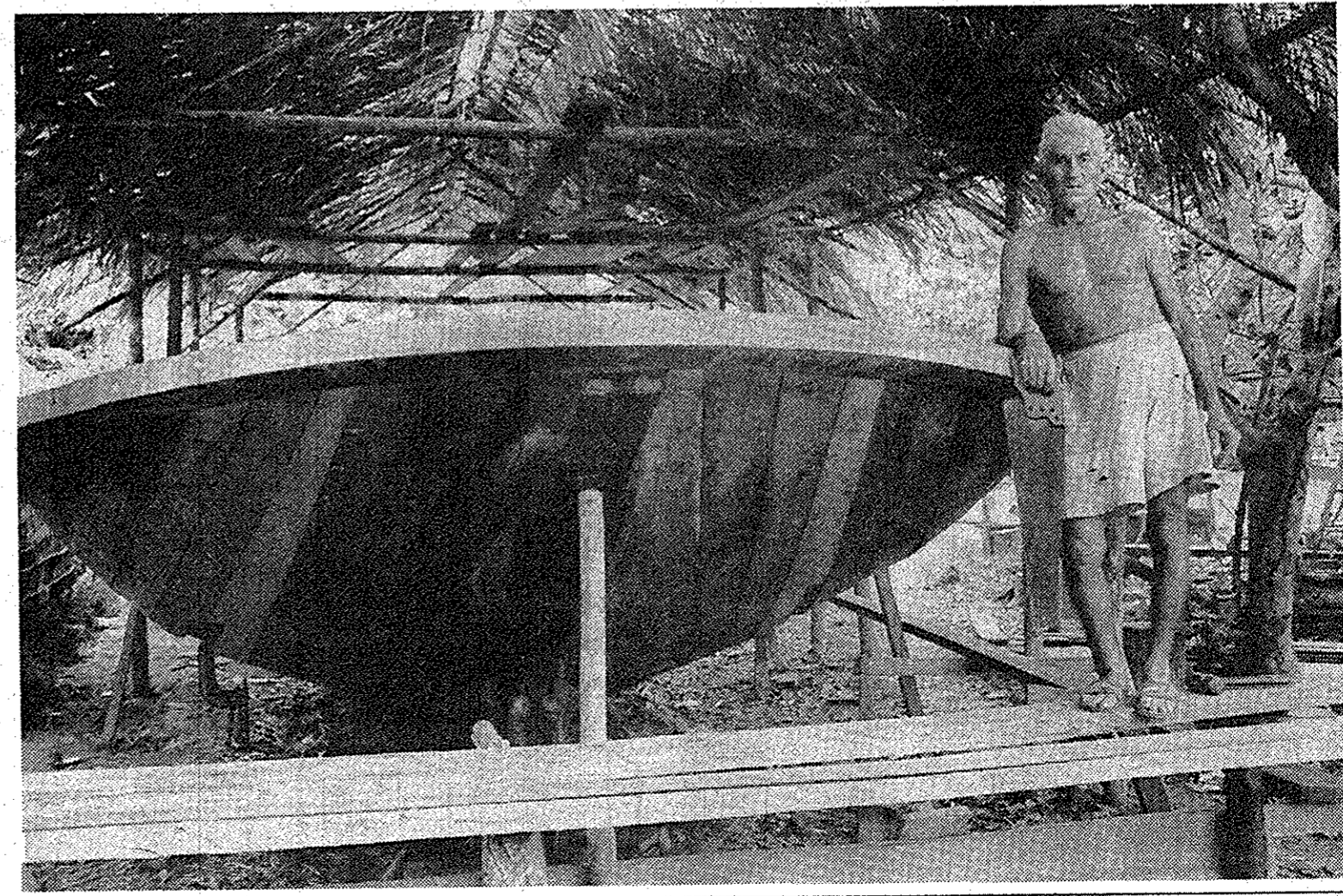
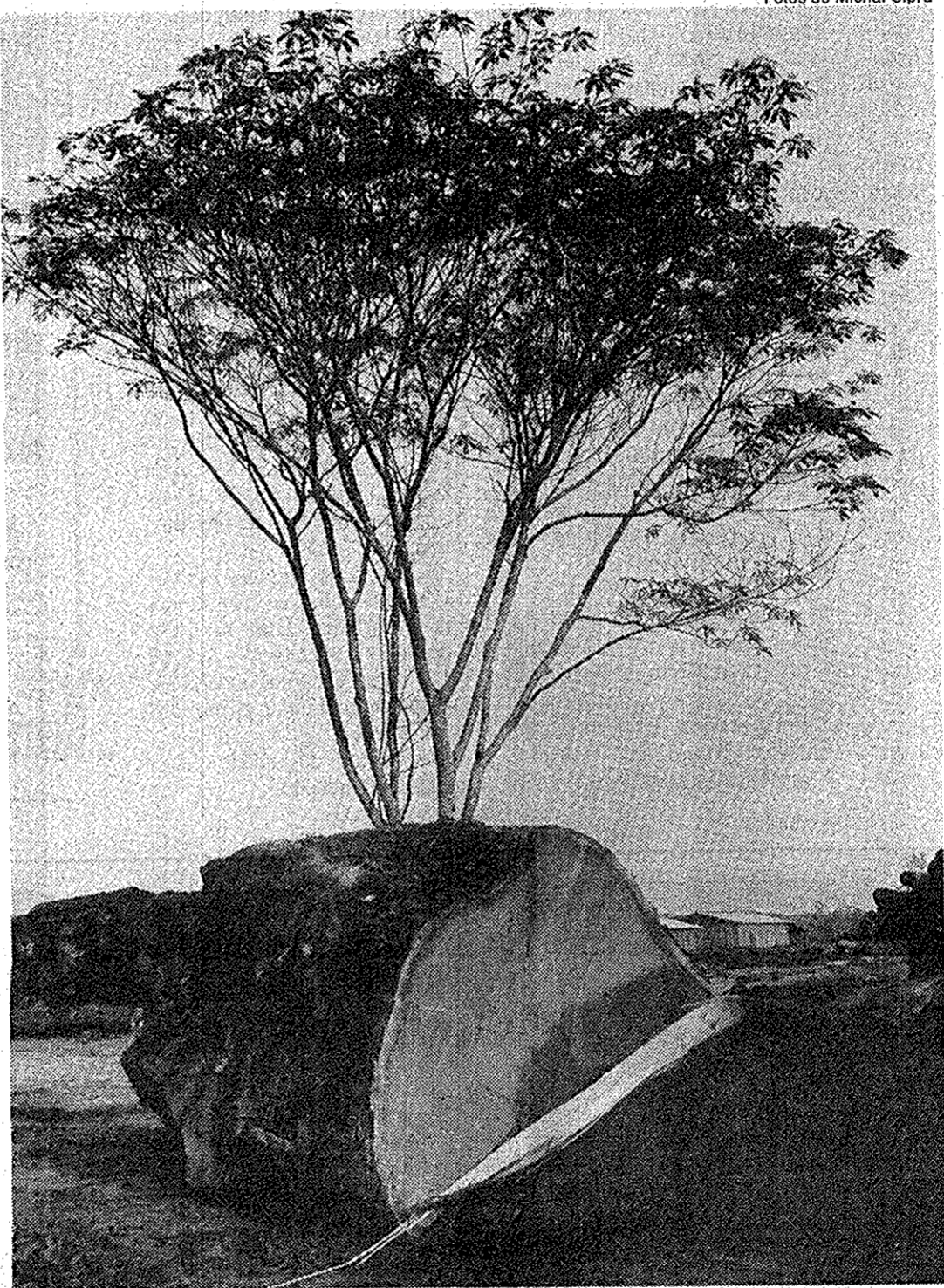
O senador acreano Flaviano Melo (PMDB) acredita que perambulam pela Amazônia brasileira mais de 800 mil ex-garimpeiros. Parte dessa gente, inclusive seus empregadores de ontem, buscam o novo ciclo madeireiro, menos lotérico, mas a única alternativa para não engrossarem o cada vez maior exército de lupens que circula pela região. Menos atraente, diga-se de passagem, para a mão-de-obra assalariada. Para as madeiras é um novo filé mignon.

O leque de madeiras exportadas pela Amazônia não tem equivalente no mundo, garantem os especialistas, mas o mogno ocupa a *pole position*. O estado do Pará, embora já revele sinais de exaustão, foi a ponta de lança dessa exploração, e não chegam a 30 as grandes serrarias, praticamente concentradas no mogno. As principais são Maginco, Peracchi, Bannach, Juary, Campos Altos, Impar, Semasa, Pau d'arco, Brazwood, Masul, Selectas, Nordisk.

O setor de exportação dessa madeira no Pará é quase um monopólio. As agências comerciais Gulfstream Traders, Mundiais e a Robinson Lumber controlam praticamente a venda internacional do mogno. Um diretor técnico da Cia. Docas do Pará, que pediu para não ser identificado, me informou que a exportação anual de madeira passando pelo porto de Belém, é de cerca de 60 mil metros cúbicos, o equivalente a 25 mil árvores abatidas. Os ecologistas acreditam que esse número está subestimado.

Toda essa exportação, informa o diretor técnico, é controlada pelo Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) e pela Receita Federal. Na verdade, essa fiscalização não quer dizer muita coisa. A organização não-governamental Amigos da Terra Internacional denuncia a existência de contratos ilegais, desde o ano passado, acordados por madeiras com as comunidades indígenas caiapó, em Redenção e São Félix do Xingu, no Sul do Pará. A ONG apontou diretamente as madeiras vinculadas à Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira da Amazônia (Aimex) como responsáveis por esses contratos ilegais. Madeiras como Banach, Peracchi, Ferreira e Juary já foram autuadas por extração ilegal de mogno em áreas protegidas.

O novo ciclo madeireiro absorve parte do lumpesinato, oriundo dos garimpos, que perambula pela Amazônia



## Madeiras da Malásia preparam saque ao mogno

Nada mais restando de expressivo nas matas tropicais da Ásia, depois do trabalho concluído na Malásia e Indonésia, e outros países do Sudeste Asiático, as madeiras multinacionais se voltam para a Amazônia. A denúncia é da ecologista Anna Fanzeres, que pesquisa o processo de desmatamento da região a serviço do Greenpeace.

Essas madeiras, acredita, são as mais agressivas e irresponsáveis do planeta. Depois da destruição das florestas tropicais asiáticas, buscam a Amazônia, entrando inicialmente pelas Guianas, que é o elo mais frágil nessa investida. Não demora, alcançarão as florestas brasileiras, o filé mignon de todo esse projeto. As madeiras Berjaja e Rimbunam Hijan, da Malásia, já se fixaram nas florestas tropicais da Guiana. É o primeiro passo para ingressarem em território brasileiro.

Nas duas últimas décadas, cerca de 3,2 milhões de m<sup>3</sup> de mogno foram retirados da mata amazônica e destinados à exportação. Dois países são os donos do mogno importado: Inglaterra e Estados Unidos. O Sul do país consome 30% do mogno abatido, principalmente os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro.

O mogno existente na Amazônia (*Swietenia Macrophylla*) é uma madeira de alta cotação no mercado internacional e o metro cúbico chega a mais de US\$800. Para se ter uma idéia do impacto ambiental provocado por esses desmatamentos desordenados, basta informar que para cada metro cúbico extraído, 28 árvores de diferentes espécies são danificadas, e para cada árvore abatida, cerca de 1450 m<sup>2</sup> de floresta são danificadas.

Pode-se imaginar as consequências para o conjunto da floresta, levando-se em conta que o meio ambiente é alguma coisa semelhante a uma orquestra; basta um instrumento ferido, desafinado, para comprometer o seu todo. A dor do grande artesão anônimo, Valério Gomes, o construtor de barcos perdido no meio da selva em destruição, não é um sentimento carente de um velho que já devia ter se aposentado. É uma dor real e solitária, mas que alcança, de certa forma, o presente e o futuro de uma região que se aproxima do seu crepúsculo.

A cada árvore derrubada, a Amazônia se aproxima a passos rápidos de seu crepúsculo. Para se obter um metro cúbico de mogno (no alto), vendido a US\$ 800 no mercado internacional, são derrubadas 28 árvores de espécies diferentes, um quadro de devastação imposto pelas madeiras que o paraense de 74 anos, artesão-construtor de barcos, Valério Gomes (ao lado), lamenta